

Ortografia

GR0001 - (lfal) Como prevenir a violência dos adolescentes

“(…) Quando deparo com as notícias sobre crimes hediondos envolvendo adolescentes, como o ocorrido com Felipe Silva Caffé e Liana Friedenbach, fico profundamente triste e constrangida. Esse caso é consequência da baixa valorização da prevenção primária da violência por meio das estratégias cientificamente comprovadas, facilmente replicáveis e definitivamente muito mais baratas do que a recuperação de crianças e adolescentes que cometem atos infracionais graves contra a vida.

Talvez seja porque a maioria da população não se deu conta e os que estão no poder nos três níveis não estejam conscientes de seu papel histórico e de sua responsabilidade legal de cuidar do que tem de mais importante à nação: as crianças e os adolescentes, que são o futuro do país e do mundo.

A construção da paz e a prevenção da violência dependem de como promovemos o desenvolvimento físico, social, mental, espiritual e cognitivo das nossas crianças e adolescentes, dentro do seu contexto familiar e comunitário. Trata-se, portanto, de uma ação intersetorial, realizada de maneira sincronizada em cada comunidade, com a participação das famílias, mesmo que estejam incompletas ou desestruturadas (…)

“(…) Em relação às crianças e adolescentes que cometeram infrações leves ou moderadas que deveriam ser mais bem expressas seu tratamento para a cidadania deveria ser feito com instrumentos bem elaborados e colocados em prática, na família ou próxima dela, com acompanhamento multiprofissional, desobstruindo as penitenciárias, verdadeiras universidades do crime. (…)

“(…) A prevenção primária da violência inicia-se com a construção de um tecido social saudável e promissor, que começa antes do nascer, com um bom pré-natal, parto de qualidade, aleitamento materno exclusivo até seis meses e o complemento até mais de um ano, vacinação, vigilância nutricional, educação infantil, principalmente propiciando o desenvolvimento e o respeito à fala da criança, o canto,

a oração, o brincar, o andar, o jogar; uma educação para a paz e a não violência.

A pastoral da criança, que em 2003 completa 20 anos, forma redes de ação para multiplicar o saber e a solidariedade junto às famílias pobres do país, por meio de mais de 230 mil voluntários, e acompanhou no terceiro trimestre deste ano cerca de 1,7 milhão de crianças menores de seis anos e 80 mil gestantes, de mais de 1,2 milhão de famílias, que moram em 34.784 comunidades de 3.696 municípios do país.

O Brasil é o país que mais reduziu a mortalidade infantil nos últimos dez anos; isso, sem dúvida, é resultado da organização e universalização dos serviços de saúde pública, da melhoria da atenção primária, com todas as limitações que o SUS possa ainda possuir, da descentralização e municipalização dos recursos e dos serviços de saúde. A intensa luta contra a mortalidade infantil, a desnutrição e a violência intrafamiliar contou com a contribuição dessa enorme rede de solidariedade da Pastoral da Criança. (…)

“(…) A segunda área da maior importância nessa prevenção primária da violência envolvendo crianças e adolescentes é a educação, a começar pelas creches, escolas infantis e de educação fundamental e de nível médio, que devem valorizar o desenvolvimento do raciocínio e a matemática, a música, a arte, o esporte e a prática da solidariedade humana.

As escolas nas comunidades mais pobres deveriam ter dois turnos, para darem conta da educação integral das crianças e dos adolescentes; deveriam dispor de equipes multiprofissionais atualizadas e capacitadas a avaliar periodicamente os alunos. Urgente é incorporar os ministérios do Esporte e da Cultura às iniciativas da educação, com atividades em larga escala e simples, baratas, facilmente replicáveis e adaptáveis em todo o território nacional.

“(…) Com relação à idade mínima para a maioridade penal, deve permanecer em 18 anos, prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e conforme orientações da ONU. Mas o tempo máximo de três anos de reclusão em regime fechado, quando a criança ou o adolescente comete crime hediondo,

mesmo em locais apropriados e com tratamento multiprofissional, que urgentemente precisam ser disponibilizados, deve ser revisto. Três anos, em muitos casos, podem ser absolutamente insuficientes para tratar e preparar os adolescentes com graves distúrbios para a convivência cidadã. (...)”

Zilda Arns Neumann, 69, médica pediatra e sanitarista; foi fundadora e coordenadora nacional da Pastoral da Criança. (*Folha de S Paulo*, 26/11/2003.)

Foram retiradas do texto as seguintes palavras acentuadas: ministérios, replicáveis, adaptáveis, máximo, distúrbios, convivências.

Assinale a alternativa que melhor justifica a acentuação gráfica.

- De todas as palavras destacadas, somente “**máximo**” não se insere na mesma regra de acentuação gráfica.
- Todas as palavras mencionadas seguem o mesmo padrão ou regra de acentuação gráfica.
- Com exceção de “**máximo**” e “**convivência**”, que são proparoxítonas, as demais palavras são acentuadas pelo mesmo motivo.
- Três regras de acentuação contemplam as palavras supracitadas: a das proparoxítonas, a das paroxítonas terminadas em ditongos e as que terminam em hiato, que, no caso em análise, trata-se da palavra “**convivência**”.
- Todas são proparoxítonas.

GR0002 - (Ufrgs) Darwin passou quatro meses no Brasil, em 1832, durante a sua célebre viagem a bordo do Beagle. Voltou impressionado com o que viu: “Delícia é um termo insuficiente para exprimir as emoções sentidas por um naturalista a sós com a natureza em uma floresta brasileira”, escreveu. O Brasil, porém, aparece de forma menos idílica em seus escritos: “Espero nunca mais voltar a um país escravagista. O estado da enorme população escrava deve preocupar todos os que chegam ao Brasil. Os senhores de escravos querem ver o negro como outra espécie, mas temos todos a mesma origem.”

Em vez do gorjeio do sabiá, o que Darwin guardou nos ouvidos foi um som terrível que acompanhou por toda a vida: “Até hoje, se eu ouço um grito, lembro-me, com dolorosa e clara memória, de quando passei numa casa em Pernambuco e ouvi urros terríveis. Logo entendi que era algum pobre escravo que estava sendo torturado,”

Segundo o biólogo Adrian Desmond, “a viagem do Beagle, para Darwin, foi menos importante pelos espécimes coletados do que pela experiência de testemunhar os horrores da escravidão no Brasil. De certa forma, ele escolheu focar na descendência comum do homem justamente para mostrar que todas as raças eram

iguais e, desse modo, enfim, objetar àqueles que insistiam em dizer que os negros pertenciam a uma espécie diferente e inferior à dos brancos”. Desmond acaba de lançar um estudo que mostra a paixão abolicionista do cientista, revelada por seus diários e cartas pessoais. “A extensão de seu interesse no combate à ciência de cunho racista é surpreendente, e pudemos detectar um ímpeto moral por trás de seu trabalho sobre a evolução humana - urna crença na ‘irmandade racial’ que tinha origem em seu ódio ao escravismo e que o levou a pensar numa descendência comum.”

Adaptado de: HAAG, C. O elo perdido tropical. Pesquisa FAPESP, n. 159, p. 80 - 85, maio 2009.

Assinale a alternativa em que as três palavras são acentuadas graficamente pela mesma razão.

- célebre (ref. 2) - terrível (ref. 3) - biólogo (ref. 4)
- Delícia (ref. 5) - sabiá (ref. 6) - diários (ref. 7)
- sós (ref. 8) - é (ref. 9) - trás (ref. 10)
- porém (ref. 11) - país (ref. 12) - Até (ref. 13)
- terríveis (ref. 14) - espécimes (ref. 15) - experiência (ref. 16)

GR0003 - (Ufrgs) Os processos da história mítica são francamente irracionais. Como se explica que, apesar do seu lúgubre estalinismo, Che Guevara tenha adquirido uma aura romântica que ofusca a de qualquer outro herói do século 20, culminando hoje na sua santificação entre camponeses bolivianos?

Essa aura romântica começou a se formar quando, abandonando uma prestigiosa posição no regime cubano, se internou no Congo para lutar contra uma corrupta e sanguinária ditadura neocolonialista. E tornou-se legendária em decorrência de sua trágica aventura na Bolívia.

Che Guevara morreu antes das suas ideias e, graças a isso, não só escapou do eclipse histórico, como se transformou num dos símbolos e ícones da nossa época. Seus métodos eram autoritários, sua base teórica, extremamente superficial, e seu projeto econômico-social fracassou miseravelmente. Imortalizou-o uma das qualidades mais raras e admiradas entre os homens - uma nobre e indômita coragem, exatamente o fascinante traço essencial do herói. O Che foi um herói do nosso tempo - um tempo feito de mesquinho egoísmo e opaca mediocridade. É natural que seja especialmente venerado por jovens de classe média, da qual também ele provinha: encarna o herói que a maioria desses jovens gostaria de encarnar, mas não consegue.

(Adaptado de: FREITAS, Décio. O PROFETA DA GUERRILHA. ZERO HORA, 13 de julho, 1997, p.19.)

Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I - A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".

II - Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

III - A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".

Quais estão corretas?

- a) Apenas I
- b) Apenas II
- c) Apenas I e III
- d) Apenas II e III
- e) I, II e III

GR0004 - (Inspur) Levando em conta as informações do primeiro quadrinho, identifique a alternativa que apresenta a palavra que também sofreu alterações na acentuação gráfica devido à regra mencionada.

GRUMP - Orlandeli



(http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2009-01-11_2009-01-17.html)

- a) plateia
- b) heroico
- c) gratuito
- d) baiuca
- e) caiu

GR0005 - (Fgv) DUPLA DINÂMICA

No dicionário, a Sociologia está definida como uma ciência que pretende pesquisar e estudar a organização e funcionamento das sociedades humanas e as leis fundamentais que regem as relações sociais. Já a Economia se preocupa em estudar os fenômenos relacionados com a obtenção e a utilização dos recursos materiais necessários a uma população. Embora o campo de estudos de ambas as disciplinas seja parecido, na prática há um abismo separando as duas áreas. Filhas da mesma mãe, a Filosofia, as duas disciplinas vieram ao mundo praticamente na mesma época. Em razão de algumas diferenças, porém, estão sem dialogar entre si há quase três séculos.

(...) Em meados dos anos 1970, porém, uma leve brisa dissipou as nuvens que acobertavam esse cenário sombrio entre as áreas. Alguns temas, como a construção social do mercado, o papel das instituições e das redes sociais no funcionamento da vida econômica, revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia. Surgiram os primeiros vislumbres da chamada Nova Sociologia Econômica cujo precursor foi o sociólogo norte-americano Mark Granovetter. Em

um de seus estudos mais célebres, o Getting a Job, de 1973, Granovetter demonstrou que as pessoas estão ligadas às outras por laços fortes (pais, filhos e amigos) e laços fracos (colegas de trabalho, professores e alunos).

(Sociologia, ciência & vida, 2007)

Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

- a) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.
- b) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprescindível que as pessoas consigam entender essas ligações.
- c) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.
- d) A falta de diálogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que

parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantos pontos em comum entre as disciplinas e) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GR0006 - (Ufscar) Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? quem as comprava? em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? e que mãos as tinham criado? e que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz. [...]

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

(Cecília Meireles, A arte de ser feliz. Em "Escolha seu sonho", p. 24.)

Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas graficamente pelas mesmas regras por que estão acentuadas, respectivamente, em: "chalé" e "existência".

- a) atrás, próprio.
- b) pá, evidência.
- c) Jaú, máscara
- d) pré-requisitos, variados.
- e) fé, mídia.

GR0007 - (Ufpr) As duas estrofes a seguir iniciam o poema Y-Juca-Pyrama de Gonçalves Dias, publicado em 1851.

No meio das tabas de amenos verdores
Cercadas de troncos – cobertos de flores,
Alteião-se os tectos d’altiva nação;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes
Assombrão das matas a imensa extensão

São rudes, severos, sedentos de gloria,
Já prelios incitão, já cantão victoria,
Já meigos attendem a voz do cantor:

São todos tymbiras, guerreiros valentes!

Seu nome la vòa na bocca das gentes,

Condão de prodigios, de gloria e terror!

Últimos Cantos, Gonçalves Dias

Nesse trecho, o poeta apresenta a tribo dos timbiras. Constatamos, sem dificuldades, que a ortografia da época era, em muitos aspectos, diferente da que usamos atualmente. Tendo isso em vista, considere as seguintes afirmativas:

- 1. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo não eram acentuadas naquela época, diferentemente de hoje.
- 2. As formas verbais se alternam entre presente e futuro do presente do indicativo, com a mesma terminação.
- 3. A 3ª pessoa do plural dos verbos do presente do indicativo se diferencia graficamente da forma atual.
- 4. Os monossílabos tônicos perderam o acento na ortografia contemporânea.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

GR0008 - (Cftsc) Analise as sentenças a seguir quanto à ortografia e à acentuação gráfica dos termos em destaque. Assinale a alternativa em que NÃO HÁ ERRO quanto a esses critérios.

- a) Grandes TOTENS coloridos destacavam-se contra PAISAGEM escura ao fundo.
- b) A CICATRISAÇÃO era quase completa, mas ainda havia algum PÚS no centro do ferimento.
- c) O caso teve grande REPERCUSSÃO são e provocou um REVÉZ nas negociações de paz.
- d) Daquele TRECHO em diante, a mensagem tornava-se INCOMPREENCÍVEL.
- e) A direção mostrou-se PRETENCIOSA ao propor PARALIZAÇÃO por tempo indeterminado.

GR0009 - (Ufms) Considere o trecho a seguir para responder à questão.

“Olhai, oh Senhor, os jovens nos postos de gasolina. Apiedai-vos dessas pobres criaturas, a desperdiçar as mais belas noites de suas juventudes sentadas no chão, tomando Smirnoff Ice, entre bombas de combustível e pães de queijo adormecidos. Ajudai-os, meu Pai: eles não sabem o que fazem. [...] As ruas são violentas, é verdade, mas nem tudo está perdido.

[...] Salvai-me do preconceito e da tentação, oh Pai, de dizer que no meu tempo tudo era lindo, maravilhoso. [...] Talvez exista alguma poesia em

passar noite após noite sentado na soleira de uma loja de conveniência, e desfilar com a chave do banheiro e sua tabuinha, em gastar a mesada em chicletes e palha italiana. Explica-me o mistério, numa visão, ou arrancai-os dali. É só o que vos peço, humildemente, no ano que acaba de nascer. Obrigado, Senhor.”

PRATA, Antônio. Conveniência. O Estado de S. Paulo, 11 jan. 2008.

A palavra “após” recebe acento gráfico por ser:

- oxitona terminada em “o”, seguida de “s”.
- proparoxítona.
- paroxítona terminada em ditongo decrescente.
- monossílabo tônico terminado em “o”.
- paroxítona terminada em “o”, seguida de “s”.

GR0010 - (Fcmpb) Para responder à questão, considere o fragmento a seguir.

“Apesar de serem mais conhecidos como “corações artificiais”, equipamentos como esses não substituem o órgão completo. Mas podem ser a solução temporária ou definitiva para pacientes com insuficiência cardíaca avançada, quando tratamentos com remédios já não dão mais resultado.”

Seguem a mesma regra de acentuação gráfica os vocábulos:

- insuficiência – remédios – temporária.
- órgão – temporária – cardíaca.
- remédios – temporária – cardíaca.
- órgão – remédios – cardíaca.
- insuficiência – órgão – cardíaca.

GR0011 - (Ufms) “Ele saía para o trabalho todas as manhãs, antes de o sol nascer, e só voltava após o pôr do sol. Mal via os três filhos e a esposa, mas julgava ser seu herói, pois não lhes faltava nada. Naquela noite, ao retornar, pôde sentir, no entanto, possíveis efeitos de sua ausência constante. Dois dos meninos estavam sendo abordados por policiais, sob suspeita de tráfico de entorpecentes.”

[Texto produzido pela Fapec-Ufms especificamente para esta prova]

A alternativa que traz a informação correta sobre a respectiva regra de acentuação da(s) palavra(s) e seus pré-requisitos é:

- Na palavra “saía”, o “i” recebe acento gráfico porque forma hiato com a vogal anterior, constitui sílaba e não está precedido de ditongo. Além disso, não é seguido de –nh.
- O “i” da palavra “saía” está indevidamente acentuado, pois, em palavras paroxítonas, o “i” que forma hiato não recebe acento gráfico.
- A palavra “herói” está indevidamente acentuada, pois não se acentua graficamente a vogal tônica dos ditongos abertos “ei” e “oi”.

d) As palavras “pôr” e “pôde” também poderiam ser grafadas sem o acento, pois as regras de ortografia em vigor consideram facultativos os acentos diferenciais.

e) As palavras “pôr” e “pôde” não deveriam estar acentuadas, pois as regras de ortografia em vigor não preveem uso de acentos diferenciais.

GR0012 - (Ufpe) A música é uma forma de comunicação utilizada como um canal, em que é possível transmitir uma mensagem de forma sutil, eficiente e agradável, seja apenas para o prazer do ouvinte ou para influenciá-lo a tomar determinadas ações ou atitudes esperadas pelo anunciante – além de poder ajudar na construção de uma marca e estreitar sua relação com o consumidor.

Um ótimo exemplo é o da Coca-Cola. Com tom alegre e inspirador em suas campanhas, a marca tenta passar uma mensagem que desperte a empatia – não só a seus potenciais clientes, mas a todos que assistem a seu filme.

É fácil perceber que a trilha sonora de um filme, se mudada, pode dar um sentido totalmente diferente à cena. É assim no cinema e também na publicidade, por isso a escolha da música certa é tão importante para o trabalho publicitário.

Disponível em:

<https://plugcitarios.com/blog/2017/03/24/importancia-da-musica-napublicidade>. Acesso em 15/09/2019. Adaptado

Assim como na palavra “música”, deve receber acento gráfico a palavra

- súdito.
- rúbrica.
- púdico.
- gratuito.
- maresía.

GR0013 - (Ufpe) Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas

A Assembleia Geral, guiada pelos propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas e pela boa-fé no cumprimento das obrigações assumidas pelos Estados de acordo com a Carta, afirmando que os povos indígenas são iguais a todos os demais povos e reconhecendo ao mesmo tempo o direito de todos os povos a serem diferentes, a se considerarem diferentes e a serem respeitados como tais, [...] proclama solenemente a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, cujo texto figura à continuação, como ideal comum que deve ser perseguido em um espírito de solidariedade e de respeito mútuo:

Artigo 1

Os indígenas têm direito, a título coletivo ou individual, ao pleno desfrute de todos os direitos

humanos e liberdades fundamentais reconhecidos pela Carta das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o direito internacional dos direitos humanos.

Artigo 2

Os povos e pessoas indígenas são livres e iguais a todos os demais povos e indivíduos e têm o direito de não serem submetidos a nenhuma forma de discriminação no exercício de seus direitos, que esteja fundada, em particular, em sua origem ou identidade indígena. [...]

https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/D_eclaracao_das_Nacoes_Unidas_sobre_os_Direitos_dos_Povos_Indigenas.pdf. Excerto adaptado

Observe que na expressão “Assembleia Geral”, presente no texto, a palavra “assembleia” está grafada sem acento, em conformidade com as normas ortográficas vigentes. Está igualmente de acordo com as normas a grafia de:

- a) heroína
- b) tireóide
- c) auto-retrato
- d) voo
- e) pêlo.

GR0014 - (Ufmg) O novo acordo ortográfico do português está em uso desde 2009, mas muitos brasileiros ainda estão escrevendo de acordo com a grafia antiga. Qual das sequências de palavras abaixo está conforme o novo acordo?

- a) Pré-universitário; (ele) entretém; heroico; dia-a-dia; (ele) pára.
- b) Suprarrenal; ex-diretor; pôr (verbo); perdo; papéis.
- c) Mal-humorado; (elas) descrêem; acriano (do Acre); fórum; imã.
- d) Além-mar; ciêntifico; faisca; (tu) deténs; espontânea.
- e) Sobrehumano; copo-d’água; tipóia; Sauipe; amiúde.

GR0015 - (Ufpe)

(1) Até a Independência, as referências à língua europeia no Brasil se faziam, sem titubeio, pelas expressões português ou língua portuguesa. Já no século XVI, encontramos o Padre Anchieta, em seu “Breve informação do Brasil”, mencionando os meninos índios que eram entregues aos jesuítas “para que fossem ensinados, dos quais se juntou muitos e os batizou, ensinando-os a falar português, ler e escrever”.

(2) No início do século XIX, frei Caneca, herói da revolução de 1817, escreveu seu “Breve compêndio de grammatica portuguesa” (publicado em 1875), entendida a gramática como “a arte que ensina a falar, ler e escrever correctamente a Língua Portuguesa”.

(3) Contudo, com a Independência, passou-se a viver um longo período de incertezas, titubeios e ambiguidades, sendo a língua ora designada de língua brasileira, ora de língua nacional, ora de português e língua portuguesa.

(4) Em 1826, na Câmara dos Deputados, José Clemente Pereira apresentou um projeto propondo que os diplomas dos médicos cirurgiões fossem redigidos “em língua brasileira, que é a mais própria”.

(5) Mas a expressão língua brasileira não fez, de fato, história no século XIX. Em 15 de outubro de 1827 foi aprovada a lei que “manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império”. Nela, se introduziu a expressão que faria história no país: língua nacional, muitas vezes utilizada na legislação posterior até praticamente a Constituição de 1988.

(6) No contexto escolar, porém, língua nacional conviveu com português e língua portuguesa. A disciplina escolar era, em geral, referida por estas duas últimas expressões, e as gramáticas escolares brasileiras tinham, em geral, essa qualificação em seu título. Já nos textos analíticos, nos debates e polêmicas do século XIX, em que se procurava dar conta das especificidades da língua no Brasil, predominou uma grande oscilação terminológica, que perdurou no século XX.

(7) No âmbito constitucional, a questão do nome da nossa língua só se pacificará com a Constituição de 1988 que, em seu art. 13, diz: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. E no seu art. 210, 2, estipula: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.”

(8) Apesar disso tudo, a questão da língua está de volta, pelo menos nos meios universitários de Brasil e Portugal. São outros os tempos e outros os argumentos, mas retorna à cena saber se os dois países têm ou não a mesma língua.

FARACO, Carlos Alberto. História sociopolítica da língua portuguesa. São Paulo: Parábola, 2016, p.161-171. Adaptado.

No que se refere às questões ortográficas, assinale a alternativa correta.

- a) Ao longo do texto, aparecem as duas grafias: “Língua Portuguesa” e “Língua Portuguesa”. Isso mostra que essa expressão, atualmente, pode ser grafada dessas duas maneiras.
- b) Na expressão “língua europeia” (1º §), o adjetivo grafado sem acento obedece ao último Acordo. Também perderam o acento palavras como “geleia” e “tireoide”.

c) A regra que justifica o acento da palavra “gramática” é a mesma que justifica o acento de palavras como “púdico” e “rúbrica”.

d) Assim como a palavra “português”, devem ser grafadas as palavras “rigidês” e “gravidês”.

e) Estão de acordo com as normas vigentes as grafias das palavras: “extender”, “umildade” e idenização”.

GR0016 - (Ufr) Indique o item que contém a sequência de palavras grafadas corretamente, conforme a nova ortografia da língua portuguesa:

a) Coréia, co-autor, anti-educativo e coordenação.

b) colmeia, anteprojeto, leem e subumano.

c) co-obrigação, semideus, geopolítica e autopeça.

d) jibóia, mini-saia, sulamericano, sequência.

e) heróico, infraestrutura, minissaia e circum-navegação.

GR0017 - (Ufms) Considerando a ortografia, especificamente o uso (presença ou ausência) de hífen, a alternativa correta é:

a) sulmatogrossense; matéria prima; mão-de-obra; anti-inflamatório; cor de rosa; cana de açúcar.

b) sul-matogrossense; matéria-prima; antiinflamatório; cor-de-rosa; mão de obra; coparticipação.

c) ultrassom; afro-brasileiro; porta-relógios; porta-sacos; infraestrutura; afrodescendente

d) ultrassom; afro-brasileiro; portarrelógios; portassacos; infraestrutura; afro-descendente.

e) ultrassom; afrobrasileiro; portarrelógios; portassacos; infra-estrutura; afro-descendente.

GR0018 - (Ufr) Em: “A **autossuficiência** do País permite a exportação de doses para 70 países, grande parte na África”, segundo regras e convenções ortográficas vigentes, a não hifenização da palavra destacada justifica-se pelo mesmo processo ocorrido em:

a) subatômico

b) preencher

c) malnascido

d) semiárido

e) contrarreforma

GR0019 - (Ufr) SOBRE HIENAS E VIRA-LATAS

Aproveitando o momento de vulnerabilidade política e econômica do nosso país, os defensores de uma integração dependente do Brasil na economia internacional estão lançando uma nova ofensiva, facilitada pelas agruras do ajuste fiscal, com queda nos investimentos governamentais e o descrédito – convenientemente estimulado – das empresas estatais, na esteira do escândalo da Petrobrás. Em vez de atacar a raiz desses ilícitos, que é o financiamento

empresarial das campanhas eleitorais (o que não diminui a responsabilidade dos transgressores da lei), os pós-neoliberais preferem investir contra os poucos instrumentos de política industrial que o Estado brasileiro ainda detém. A estratégia é ampla e não se limita a aspectos internos da economia. Incide diretamente sobre a forma pela qual o Brasil se insere na economia mundial.

Três linhas de ação têm sido perseguidas. Uma já faz parte do antigo receituário de boa parte dos comentaristas em matéria econômica: o Brasil deveria abandonar a sua preferência pelo sistema multilateral (representado pela Organização Mundial do Comércio) e dar mais atenção a acordos bilaterais com economias desenvolvidas, seja com a União Europeia, seja com os Estados Unidos da América. O refinamento, não totalmente novo, é o de que, para chegar a esses acordos, o Brasil deve buscar a “flexibilização” do Mercosul, privando-o de sua característica essencial de uma união aduaneira. Sem perceber que a motivação principal da integração é política – já que a Paz é o maior bem a ser preservado – os arautos da liberalização, sob o pretexto de aumentar nossa autonomia em relação aos nossos vizinhos, facilitando a abertura do mercado brasileiro, na verdade empurrarão os sócios menores (não em importância, mas em tamanho) para os braços das grandes potências. É de esperar que não venham a reclamar quando bases militares estrangeiras surgirem próximo das nossas fronteiras.

O segundo pilar do tripé, que está sendo gestado em gabinetes de peritos desprovidos de visão estratégica, consiste em tornar o Brasil membro pleno da OCDE, a organização que congrega primordialmente economias desenvolvidas. Essa atitude contraria a posição de aproximação cautelosa seguida até aqui e que nos tem permitido participar de vários grupos, sem tolher nossa liberdade de ação. A lógica para a busca ansiosa pelo status de membro pleno residiria na melhoria do nosso rating junto às agências de risco, decorrente do nosso compromisso com políticas de investimentos, compras governamentais e propriedade intelectual (entre outras) estranhas ao modelo de crescimento defendido por sucessivos governos brasileiros, independentemente de partidos ou de ideologias. O ganho no curto prazo se limitaria, se tanto, a um aspecto de marketing, e seria muito pequeno quando comparado com o custo real, representado pela perda de latitude de escolha de nossas políticas (industrial, ambiental, de saúde, etc.).

Finalmente – e esse é o aspecto mais recente da ofensiva pós-neoliberal – há quem já fale em ressuscitar a Área de Livre Comércio das Américas, cujas negociações chegaram a um impasse entre 2003 e 2004, quando ficou claro que os EUA não

abandonariam suas exigências em patentes farmacêuticas (inclusive no que tange ao método para a solução de controvérsias) e pouco ou nada nos ofereceriam em agricultura. A Alca, tal como proposta, previa não apenas uma ampla abertura comercial em matéria de bens e serviços, de efeitos danosos para nosso parque industrial, mas também regras muito mais estritas e desfavoráveis aos nossos interesses do que as que haviam sido negociadas multilateralmente (isto é, no sistema GATT/OMC), inclusive por governos que antecederam ao do Presidente Lula. Tudo isso, sob a hegemonia da maior potência econômica do continente americano (e, por enquanto pelo menos, do mundo).

Medidas desse tipo não constituem ajustes passageiros. São mudanças estruturais, que, caso adotadas, alterariam profundamente o caminho de desenvolvimento que, com maior ou menor ênfase, sucessivos governos escolheram trilhar. Os que propugnam por esse redirecionamento de nossa inserção no mundo parecem ignorar que mudanças desse porte, sem um mandato popular expresso nas urnas, seriam não só prejudiciais economicamente, mas constituiriam uma violência contra a democracia. Evidentemente nosso governo não se deixará levar por pressões midiáticas, mas até alguns ardorosos defensores de um Brasil independente e soberano podem não ser de todo insensíveis a influências de intelectuais que granjearam alguma respeitabilidade pela obra passada. Daí a necessidade do alerta: “intelectuais progressistas, preparai-vos para o debate”. Ele vai ser duro e não se dará somente nos salões acadêmicos ou nos corredores palacianos. Terá que ir às ruas, às praças e às portas de fábrica.

(Texto de Celso Amorim, Carta Maior - 14 de abril de 2015)

Indique a opção em que todas as palavras estão conforme a norma culta:

- sobreumano, vicerrei, subumano e anteprojeto.
- mandachuva, semirreta, vicerrei e vice-almirante.
- vice-rei, micro-ondas, micro-ônibus e hiperacidez.
- subclavicular, sub-delegado, sub-emenda e vicerrei.
- infrassom, infraepático, semirreta e vicerrei.

GR0020 - (Ufjf)

Política e Politicalha

Rui Barbosa

A política afina o espírito humano, educa os povos no conhecimento de si mesmos, desenvolve nos indivíduos a atividade, a coragem, a nobreza, a previsão, a energia; cria, apura, eleva o merecimento.

Não é esse jogo da intriga, da inveja e da incapacidade, a que entre nós se deu a alcunha de politicagem. Esta palavra não traduz ainda todo o desprezo do objeto significado. Não há dúvida que rima

bem com criadagem e parolagem, afilhadagem e ladroagem. Mas não tem o mesmo vigor de expressão que os seus consoantes. Quem lhe dará o batismo adequado? Politiquice? Politiquismo? Politicaria? Politicalha? Neste último, sim, o sufixo pejorativo queima como um ferrete, e desperta ao ouvido uma consonância elucidativa.

Política e politicalha não se confundem, não se parecem, não se relacionam uma com a outra. Antes se negam, se excluem, se repulsam mutuamente.

A política é a arte de gerir o Estado, segundo princípios definidos, regras morais, leis escritas, ou tradições respeitáveis. A politicalha é a indústria de explorar o benefício de interesses pessoais. Constitui a política uma função, ou o conjunto das funções do organismo nacional: é o exercício normal das forças de uma nação consciente e senhora de si mesma. A politicalha, pelo contrário, é o envenenamento crônico dos povos negligentes e viciosos pela contaminação de parasitas inexoráveis. A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada.

In: ROSSIGNOLI, Walter. Português: teoria e prática. São Paulo, Ed. Ática. 2004. p.19.

Tendo em vista a ortografia oficial de Língua Portuguesa, assinale a alternativa em que o emprego do hífen está INCORRETO:

- Guarda-roupa.
- Para-quedas.
- Mico-leão-dourado.
- Super-homem.
- Cor-de-rosa.

GR0021 - (Fjpf) Observe o emprego do termo sublinhado na frase “**Por que** há médicos, advogados, professores e engenheiros despreparados, vamos batalhar pelo fechamento dos educandários por onde se formaram?”. Sabendo-se que o termo em negrito acima tem quatro formas distintas de grafia, pode-se afirmar que há incorreção na frase:

- Não se sabe por que os jornalistas tinham baixa formação.
- Não se sabe o porquê de os jornalistas terem baixa formação.
- Os jornalistas tinham baixa formação por que?
- Os jornalistas tinham baixa formação porque não havia cursos especializados.
- Os cursos por que passavam os jornalistas eram de curta direção.

GR0022 - (Fuvest) Assinale a frase gramaticalmente correta:

- Não sei por que discutimos.
- Ele não veio por que estava doente.

- c) Mas porque não veio ontem?
- d) Não respondi porquê não sabia.
- e) Eis o porque da minha viagem.

GR0023 - (Cesgranrio)

Science fiction

O marciano encontrou-me na rua e teve medo de minha impossibilidade humana. Como pode existir, pensou consigo, um ser que no existir põe tamanha anulação de existência?

Afastou-se o marciano, e persegui-o. Precisava dele como de um testemunho. Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se no ar constelado de problemas.

E fiquei só em mim, de mim ausente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Science fiction. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p. 330-331.

O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:

- a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
- b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
- c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.
- d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
- e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

GR0024 - (Ufsc)



Glossário:

Intempestivamente: por impulso, subitamente.

Zefir: um tecido feito de algodão.

Incontinente: que não se contém.

WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 27 ago. 2002.

Considerando a norma padrão escrita e o uso de “aonde” e “onde” no texto, atribua verdadeiro (V) ou falso (F) às afirmativas abaixo.

- “Onde” pode ser substituído por “em que” sem prejuízo de significado.
- “Aonde” pode ser substituído por “no qual” sem prejuízo de significado.
- “Onde” exprime ideia de movimento.
- “Onde” e “aonde” são preposições.
- “Aonde” está acompanhado de um verbo de movimento.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA, de cima para baixo.

- a) V – V – F – F – F
- b) V – F – F – V – V
- c) F – V – V – V – V
- d) F – F – F – V – V
- e) V – F – F – F – V

GR0025 - (Ufrr)

Brasil é país mais preocupado com notícias falsas, diz estudo global

Na opinião dos autores, a polarização política nesses países, provocada por eleições, pode ter favorecido essa percepção

Por Agência Brasil
16 jun 2018

O Brasil aparece como o país mais preocupado com as chamadas “notícias falsas” (fake news) em um estudo global que analisou a realidade de 37 nações. Dos entrevistados brasileiros, 85% manifestaram preocupação com a veracidade e a possibilidade de manipulação nas notícias lidas. A lista é seguida por Portugal (71%), Espanha (69%), Chile (66%) e Grécia (66%).

Na opinião dos autores, a polarização política nesses países provocada por eleições, referendos e outros grandes processos de disputa na sociedade podem ter favorecido essa percepção.

(...) Quando tomada a amostra de forma conjunta, a média geral das pessoas consultadas pelo levantamento preocupadas com a veracidade das informações lidas na Internet ficou em 54%.

O Relatório sobre Notícias Digitais do Instituto Reuters, uma das mais importantes pesquisas do mundo sobre o tema, foi divulgado nesta semana. O levantamento fez entrevistas para identificar hábitos de consumo da população em relação a veículos de mídia e produtos jornalísticos.

Percepção

Os autores da pesquisa apontam uma percepção maior do que a realidade vivida pelas pessoas. Do total dos entrevistados, 58% disseram estar preocupados com notícias “fabricadas”, mas apenas 26% conseguiram identificar casos concretos. Essa diferenciação, entretanto, não foi feita por país, não permitindo identificar se essa disparidade ocorre nas nações onde a preocupação foi maior, como no Brasil.

“Quando olhamos para os resultados do nosso estudo, descobrimos que quando consumidores falam sobre ‘fake news’ eles estão preocupados também com mau jornalismo, práticas de caça de cliques e enviesamento”, argumentam os autores da pesquisa.

Providências

Mesmo assim, as pessoas consultadas colocaram a necessidade de providências sobre o assunto. Na avaliação dos entrevistados, os principais responsáveis por adotar medidas de combate às chamadas notícias falsas deveriam ser os veículos tradicionais de mídia (75%) e as plataformas digitais (71%).

Na compreensão dos autores, essa percepção estaria relacionada ao fato de muitas reclamações com foco na veracidade ou manipulação estarem relacionadas a mídias tradicionais, e não a conteúdos fabricados por sites desconhecidos.

A adoção de alguma regulação pelo Estado para atacar o problema ganhou aceitação sobretudo entre asiáticos (63%) e europeus (60%). Na Europa, a regulação do tema tem ganhado espaço. No último ano, a Alemanha aprovou uma lei que passa a responsabilidade pela fiscalização de conteúdos falsos e ilegais às plataformas. No Brasil, já há diversos projetos de lei tramitando no Congresso visando estabelecer regras sobre o tema.

Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-e-pais-maispreocupado-com-noticias-falsas-diz-estudo-global/>>. Acesso em: 20/07/2018.

No trecho: “... não permitindo identificar se essa disparidade ocorre nas nações **onde** a preocupação foi maior, como no Brasil.”, o termo destacado foi corretamente utilizado em:

- a) Onde estão indo as pessoas naquele carro?
- b) Aquela situação onde eu fui envolvida me prejudicou muito.
- c) Ouvi uma história onde a personagem principal era uma menina extraterrestre.
- d) O artista deve ir onde o povo está.
- e) Gostaria de estar na cidade onde nos conhecemos.

GR0026 - (Ufpr) Assinale a alternativa em que o uso e a grafia da expressão sublinhada foram usados INCORRETAMENTE.

- a) Ele não está tão **afim** de você.
- b) O espanhol é uma língua **afim** com o português.
- c) O pai se sacrifica **a fim** de dar uma vida melhor à filha.
- d) Os parentes e **afins** compareceram à festa.
- e) Ana e eu não temos negócios **afins**.

GR0027 - (Ufpr)

O vírus da Zika

Zika, na língua luganda falada por 3 milhões de ugandenses, geralmente traduz-se como matagal. É um nome apropriado para a floresta nos arredores da cidade de Entebbe, que mais parece um bosque ralo e tem apenas um décimo (150 mil m²) da área do parque paulistano do Ibirapuera.

Como local de batismo científico do vírus que sucedeu o ebola como o mais temido do mundo, a floresta Zika parece insignificante. Bem mais adequada soa uma segunda interpretação para o termo zika dada pelo entomologista (especialista em insetos) Louis Mukwaya, 76, do Instituto Ugandense de Pesquisa sobre Vírus (UVRI, na sigla em inglês): lugar onde muitas pessoas morreram.

A não ser essa explicação sobre seu nome, nada há de assustador na floresta Zika. Percorrem-se 11 km de ruas de terra e algum asfalto para chegar ali desde o UVRI, na área urbana de Entebbe. O instituto foi fundado por ingleses em 1936 para estudar febre amarela, quando Uganda ainda fazia parte do Império Britânico.

Não há cerca nem portão, só duas cabanas de concreto e um casebre de madeira com telhas de zinco ocupados por dois vigias. Do lado da entrada da floresta, ouve-se apenas a algazarra de crianças jogando futebol e o ruído ocasional de motosserra. Do lado de lá, impera o silêncio do pântano que margeia o lago Vitória.

Cinco minutos de caminhada levam à torre de aço, com cerca de 35 m de altura, erguida pelos ingleses em 1962, mesmo ano da independência de

Uganda. Dela, projetam-se plataformas para jaulas que, no passado, eram ocupadas por macacos, presos à espera de picadas das mais de 40 espécies de “nsiri” (mosquitos) presentes na floresta Zika.

Antes da década de 60, as plataformas eram de madeira. Numa delas viveu o macaco reso (o de pelagem castanhoavermelhada) número 766. Em abril de 1947, o animal teve febre de 39,7 °C. Seguindo um procedimento padrão, amostras do sangue dele foram injetadas no crânio de camundongos, que também adoeceram.

Nos cérebros dos roedores, pesquisadores descobriram partículas de um “agente transmissível” novo para a ciência. No ano seguinte, em janeiro, o mesmo agente foi encontrado em mosquitos da espécie *Aedes africanus*, primo do *Aedes aegypti*, que tanto infetiza brasileiros.

A publicação da descoberta do novo vírus ocorreu em 1952, pelo escocês George Dick, do Instituto Nacional de Pesquisa Médica de Londres, e pelos americanos Stuart Kitchen e Alexander Hadow, da Fundação Rockefeller. Batizaram-no como Zika, em razão da origem do caso. [...]

(Folha de São Paulo, 7 dez. 2016)

Considere o seguinte trecho:

Devido ____ presença de mais de 40 espécies de mosquitos, ____ floresta Zika, em Uganda, foi o local em que se identificou o vírus pela primeira vez, ____ mais de 60 anos.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

- a) à – há – a.
- b) a – à – há.
- c) há – à – a.
- d) há – a – há.
- e) à – a – há.

GR0028 - (Ufes) Preencha as lacunas das frases abaixo com as expressões indicadas nos parênteses:

I. A obra de Harold Bloom, _____ cânone literário, é um trabalho dirigido ao público norte-americano. (a cerca de, há cerca de, acerca de).

II. Essa medida desagradou aos funcionários, por que veio _____ suas aspirações. (ao encontro de, de encontro a).

III. Ela saiu _____ dez minutos, mas volta daqui _____ pouco. (a, há).

IV. O trânsito nas estradas tem estado caótico, _____ o trágico acidente de ontem. (haja visto, haja vista).

A alternativa que preenche CORRETAMENTE as lacunas das frases acima é

- a) a cerca de - de encontro a - a/há - haja vista.

b) há cerca de - ao encontro de - há/há - haja visto.

c) acerca de - de encontro a - há/a - haja vista.

d) acerca de - ao encontro de - a/a - haja visto.

e) há cerca de - de encontro a - há/a - haja vista.

GR0029 - (Vunesp)

Anuncia-se o assunto na introdução. Ao se receber uma visita, a primeira coisa é abrir-lhe a porta. Da mesma forma, na exposição, é preciso abrir o assunto.

A introdução encerra, implicitamente, toda a exposição, dando ideia de como será desenvolvida. Para tal, ela precisa conter certa dose de entusiasmo. Não há por que se precipitar de chofre* sobre o assunto. Carece incitar, previamente, o auditório. Acender os flashes principais da exposição, prestando atenção para o ponto de partida. Preparar-se para a marcha inicial. Não se começa a viagem sem se saber o destino; fazem-se provisões e previsões; avisam-se os amigos e hotéis.

A introdução é o espaço onde se anuncia, se coloca, se promete, se desperta... Introduzir é convidar. Mas para que se possa pensar “o que vou dizer” é preciso haver refletido sobre o assunto.

(Edivaldo Boaventura, Como ordenar as ideias. Adaptado)

* de chofre: repentinamente

Quando chega _____ introdução do texto, o leitor espera que ali esteja anunciado o assunto. É preciso preparar-se para a marcha inicial, pois não se dá início _____ viagem sem se saber o destino. Cabe _____ essa parte do texto convidar o leitor para a leitura.

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas do enunciado devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- a) à ... há ... a
- b) na ... a ... à
- c) a ... à ... há
- d) na ... à ... à
- e) à ... à ... a

GR0030 - (Ufes) Uma das alternativas contém erro localizado no termo grifado. Marque-a.

a) Os novos moradores vivem a cerca de dois quilômetros da cidade.

b) Espanhol e Italiano são duas línguas de estruturas a fins.

c) Há um motivo por que os moradores venderam a casa: escassez de recursos.

d) O dia a dia das metrópoles estressa os indivíduos que nelas circulam.

e) Faltou ao funcionário resolver duas questões.